SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

ANA CAROLINA MORAES SOARES

DIÁLOGOS PERIFÉRICOS TRANSVERSAIS: Um debate sobre o Funk como uma Educação Antirracista em Dança

BELÉM-PA
2023

ANA CAROLINA MORAES SOARES

DIÁLOGOS PERIFÉRICOS TRANSVERSAIS: Um debate sobre o Funk como uma Educação Antirracista em Dança

Artigo de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Dança do Campus Universitário de Belém como requisito para obtenção do título de Licenciada em Dança, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Profª. Ma. Suzana de Sousa da Luz

BELÉM-PA
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA

S676d Soares, Ana Carolina Moraes

Diálogos periféricos transversais: um debate sobre o Funk como uma Educação Antirracista em Dança / Ana Carolina Moraes Soares. 2023.

18 f.

Orientadora: Profa. Ma. Suzana de Sousa da Luz

Artigo de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Faculdade de Dança, Curso de Licenciatura em Dança, Belém, 2023.

1. Danças periféricas. 2. Funk (Dança). 3. Antirracismo. I. Título.

CDD - 23. ed. 782.421649

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e três, às quinze horas, na sala 16, da Faculdade de Dança - Curso de Licenciatura em Dança, reuniu-se a Banca Examinadora constituída pelas docentes: Profª M.a. Suzana de Sousa da Luz (Orientadora e Presidente da Sessão) e a Profa. Dra. Simei Santos Andrade (Membro interno), para proceder à avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **DIÁLOGOS PERIFÉRICOS TRANSVERSAIS: UM DEBATE SOBRE O FUNK COMO UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM DANÇA**, de autoria da aluna: Ana Carolina Moraes Soares, matrícula: 201806040014, da turma: 2018, do Curso de Licenciatura em Dança. Iniciado os trabalhos, a Presidente da Sessão apresentou as normas de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso e em seguida convidou a aluna para fazer a apresentação do trabalho. Após a exposição oral, a discente foi arguida pelos membros da banca, que atribuíram conceito EXCELENTE ao seu Trabalho de Conclusão de Curso, tendo sido assim APROVADO (aprovado/reprovado), conforme normas regulamentares. Nada mais havendo a tratar, eu, presidente(a) da banca, lavrei a presente ata que segue assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora do trabalho avaliado e pela aluna.

Suzana de Sousa da Luz
Presidente da Banca

Simei Santos Andrade
Membro da Banca

Ana Carolina Moraes Soares
Aluno (a)

AGRADECIMENTOS

Diante de todos os desafios e enfrentamentos da jornada acadêmica devo agradecer à Deus pela força e coragem nesses 6 anos de caminhada e à Nossa Senhora de Nazaré que fez mais forte a minha fé e por filha me adotou. Agradeço à minha base que é minha mãe, Edna Silva Moraes, pelo apoio incondicional que tens por mim, que me indicou o curso lá em 2017 e onde me encontrei em 2018, ao meu irmão, Antonio Carlos Moraes por todo suporte nessa trajetória. EU AMO VOCÊS!!!

Agradeço à minha Tia, Marcela Diana, quem compartilha o amor pela dança comigo desde pequena, fazendo eu dançar em muitos carnavais por aí. Sim, realizei o nosso sonho! Aos meus avós, Maria Francisca Silva e Nelson Moraes por serem os melhores e super avós para mim, sempre incentivando os meus estudos. Sua neta é professora formada pela Universidade Federal do Pará!

Aos meus amigos, Thays Araújo por todo acolhimento, partilha e escuta nesses anos dentro e fora do ambiente da academia, sou muito grata à você, sua mãe Ana Lúcia e sua irmã Luana Araújo por todo referenciais teóricos compartilhados e escuta nesse processo. Ao meu amigo Saylon Carlos, ficamos ansiosos juntos esperando o listão, fomos para o primeiro dia de aula juntos e aqui chegamos na reta final juntos! UHUUUUUUU…Aos meus amigos do "Grupix" por toda parceria, mais uma formada! Ao meu coletivo Twerkseiras em especial a Joelly Pantoja por me apresentar o Twerk e vários materiais de estudo do rebolado, juntas somos potentes! Ao Jonata Santos, por toda parceria, por ter sido a calmaria em todo o caos dessa correria que foi esse ano <3.

As minhas Professoras que partilharam comigo o exemplo de ser educadora em dança: Arianne Pimentel, Caroline Castelo e Simei Andrade. Vocês são minha inspiração! Gratidão! A minha Orientadora Suzana Luz, pela dedicação e paciência que teve nesse processo, pelas partilhas e escutas a cada nova descoberta e desdobramento desse trabalho.

Dai a césar o que é de césar
Pro olho gordo o que é do olho gordo
Vai ver sempre nóis roubando a cena
Vai ver as neguinha vencendo de novo!
Tasha &Tracie- Desce Licor

DIÁLOGOS PERIFÉRICOS TRANSVERSAIS: Um debate sobre o Funk como Educação Antirracista em Dança.

Ana Carolina Moraes Soares [1]

Suzana de Sousa da Luz[2]

RESUMO

Este artigo é resultado do trabalho de conclusão de curso organizado conforme a Instrução Normativa n° 01/2023 PROEG/UFPA, que dispõe de forma excepcional e temporária sobre as diretrizes acadêmicas para a normatização e realização das atividades do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, flexibilizando a sua forma de elaboração, de apresentação e de defesa, em virtude das consequências decorrentes da pandemia da COVID-19; no que concerne o Art 4°, parágrafo I que concerne à elaboração de artigo científico. Diante disso, apresento resultados e reflexões do estágio docente IV no Núcleo de Oficinas do Curro Velho, enquanto discente do curso de Licenciatura em Dança da Univesidade Federal do Pará, a iniciativa em construir uma proposta de pesquisa em uma perspectiva antirracista decolonial a fim de romper com a marginalização de danças pretas periféricas, por esse motivo direcionei meu plano de ação ao funk, em que estudo o rebolado das vertentes twerk e funk no gênero musical funk. A atividade de intervenção teve o intuito de trabalhar com o público que frequenta a Fundação: jovens negros da periferia de Belém do Pará. As orientações teórico-metodológicas que nortearam a elaboração deste artigo partiram de um levantamento bibliográfico e relato de experiência, aliadas às produções de Marques e Otelo (2018), Pimenta (2017), Gohn (2020), entre outros. Por conseguinte, os resultados revelaram que o Ritmo Funk em geral faz parte das comunidades periféricas de Belém e região, talvez não tanto quanto o ritmo regional do brega, mas ele está

[1] Discente do 8º semestre do curso de Licenciatura em Dança pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Membra do Núcleo de Pesquisa Infâncias Amazônicas (Nupeia): Arte, Cultura e Educação de crianças em diferentes contextos. E-mail: carolinaufpa18@gmail.com.

[2] Mestra em Artes - PPGARTES/UFPA. Licenciada em Dança - UFPA. Especialista em Docência no Ensino da Dança (USG). Coordenadora Geral da Ballare Escola de Dança. Bailarina clássica certificada pelo método Royal Academy of Dance.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2434405392544847

ali nas festas de aparelhagens, nas festas de família e casas de shows. A importância de abordar um fenômeno cultural bastante difundido nos meios midiáticos tanto positivamente quanto negativamente, é bastante importante para que a aula de dança não se torne um ambiente sem críticas e de fuga da realidade. Compartilhar diálogos transversais em questões sociais, estudos sobre música, corpo e dança em espaços não-formais de educação na periferia, revela-se como uma proposta de educação antirracista em um não-lugar que é marginalizado e, ao mesmo tempo, um lócus que potencializa saberes, e reafirma também o ensino do funk como um acesso para os jovens negros à arte e a dança em si.

Palavras-chave: Danças Periféricas; Funk; Rebolado; Educação Antirracista.

ABSTRACT

This article is the result of the course completion work organized in accordance with Normative Instruction No. 01/2023 PROEG/UFPA, which provides in an exceptional and temporary way the academic guidelines for the standardization and carrying out of the activities of the Course Completion Work – TCC, making its form of preparation, presentation and defense more flexible, due to the consequences arising from the COVID-19 pandemic; with regard to Art 4, paragraph I, which concerns the preparation of a scientific article. In view of this, I present results and reflections from teaching internship IV at the Núcleo de Oficinas do Curro Velho, as a student of the Dance Degree course at the Federal University of Pará, the initiative to build a research proposal from a decolonial anti-racist perspective in order to break with the marginalization of peripheral black dances, for this reason I directed my action plan to funk, in which I study the swing of the twerk and funk aspects in the funk musical genre. The intervention activity aimed to work with the public that frequents the Foundation: young black people from the outskirts of Belém do Pará. The theoretical-methodological guidelines that guided the preparation of this article came from a bibliographic survey and experience report, combined with the productions de Marques e Otelo (2018), Pimenta (2017), Gohn (2020), among others. Therefore, the results revealed that Ritmo Funk in general is part of the peripheral communities of Belém and the region, perhaps not as much as the regional rhythm of brega, but it is there at sound system parties, family parties and concert halls. The importance of approaching a cultural phenomenon that is widespread in the media, both positively and negatively, is very important so that the dance class does not become an environment without

criticism and an escape from reality. Sharing transversal dialogues on social issues, studies on music, body and dance in non-formal educational spaces on the periphery, reveals itself as a proposal for anti-racist education in a non-place that is marginalized and, at the same time, a locus that enhances knowledge, and also reaffirms the teaching of funk as an access for young black people to art and dance itself.

Keywords: Peripheral Dances; Funk; Twerking; Anti-Racist Education.

Introdução

Este artigo nasce de uma inquietação pessoal que acontece no ano de 2020 em relação a pesquisas acadêmicas na área da dança sobre o rebolado presente na vertente do funk, a partir dessas investigações constato a escassez de material sobre este fenômeno, deste modo início a pesquisa sobre a dança do funk. Por eu ter uma vivência na prática sobre a dança, no início desta análise ,o intuito era encontrar pesquisas sobre a dança do funk, mais específico o rebolado para ter caminhos metodológicos para a sala de aula, porém não obtive sucesso à vista disso iniciei a pesquisa a partir de outra perspectiva, desta vez sobre a origem do surgimento do funk no Brasil, em virtude disso noto a presença da dança nessas escritas de forma muito sutil, porém essencial para iniciar minhas pesquisas sobre o funk e o rebolado.

Partindo desse levantamento histórico sobre movimento do funk nas favelas do Brasil, as músicas e a dança que fazem parte da minha trajetória artística, consigo organizar meu primeiro plano de aula que ministrei em 2022 sobre o funk 150BPM (batidas por minuto), que nasceu no Rio de Janeiro, criado pelo DJ Polyvox. Um fato interessante sobre o surgimento desta nova batida é que esta criação partiu da observação de seu filho brincando com uma garrafa plástica no qual a criança batia o objeto de forma muito rápida no chão. O som produzido por seu filho, posto a 150bpm que é a pulsação da música, deixou-a mais acelerada, introduzindo depois os elementos sonoros do funk, marcando assim, um momento de ascensão de um novo subgênero do funk carioca por volta de 2017/2018.

Em 2023, dou início ao meu Estágio Docente IV em que os discentes da Licenciatura em Dança atuam no espaço não formal da educação que se deu no Núcleo de Oficinas do Curro Velho, núcleo de educação não formal, localizado no centro histórico da cidade de Belém do Pará. Tal espaço é voltado prioritariamente para estudantes de escolas públicas, população de

baixa renda, comunidades tradicionais-quilombolas, indígenas e ribeirinhas. É um dos cinco prédios que fazem parte da Fundação Cultural do Estado do Pará (FCP) que tem a missão de fomentar, preservar e difundir os bens culturais, assegurando o acesso à formas de linguagens de arte, ofício e o desenvolvimento das artes em geral.

As aulas de funk tiveram duração de 3 meses, voltadas para danças periféricas com o foco no rebolado, partindo como disparador a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, professora, arte-educadora e pesquisadora, responsável pela sistematização da abordagem triangular da arte-educação (leitura - contextualização - fazer artístico), que constitui uma das bases conceituais de Parâmetros Curriculares de Ensino de Artes no Brasil, inter-relacionada com Metodologia do Contexto (2010; 2011) aprofundando proposições entre arte, sociedade e ensino, desenvolvida por Isabel Marques, professora de dança, escritora e pesquisadora nas áreas de dança, ensino de dança, interatividade, currículo, pedagogia crítica e formação docente. Sabendo que a linguagem da dança é corporal, se faz necessário compreender o movimento no corpo, o espaço, a velocidade, as emoções, a interação social através do corpo, é pensar em um processo educativo em dança.

Este trabalho compreende o ensino do funk em dança a partir das metodologias apresentadas no parágrafo anterior e busca o ensino da dança em uma perspectiva afrocentrada pois no momento de execução do estágio docente IV aquelas metodologias que tinham sido apresentadas no decorrer da minha graduação. Este exposto parte de um diálogo inicial sobre minha trajetória artística/ docente no funk, atrelado à discussão sobre a relação de política e poder na dança, saindo quadradinho com interlocuções sobre o funk e o ensino antirracista em dança, até iniciarmos o passinho onde foi aplicado o plano de ação.

ACOMPANHA O GRAVE: Trajetória da artista/docente

Pensar em minha trajetória como artista/docente é mergulhar em memórias presentes na infância amazônida, lugar repleto de cheiros, sabores e muita dança. Nascida e criada na cidade de Belém do Pará, mais precisamente no bairro de Águas Lindas (nomeação que se deu ao local por haver cacimba de águas claras e límpidas), que está no limite entre os municípios de Belém e Ananindeua.

O cantor e compositor Caetano Veloso diz em sua música, “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é” e crescer em um bairro da periferia não é fácil, mas viver aqui tem os seus privilégios. O local é muito agitado e músicas como brega, reggae e funk tocam bastante

nas ruas, na feira, casas dos moradores do bairro e, é claro, nas festas de aparelhagens[3] que acontecem aos finais de semana.

As festas de aparelhagens na região metropolitana de Belém é fortemente presente nas casas de shows. Inclusive, na rua onde moro tem uma casa de festa. Para uma criança que cresceu movendo o quadril com o carimbó[4] dançando nas festas juninas da escola, rebolar dançando funk não era tão distante da minha vivência. Em locais onde tocam todos os ritmos musicais, ouvir funk era e é bem comum para quem mora nas periferias da cidade. Entendo aqui como periferia o exposto de Anete Ivo (2010) à seguir:

> As periferias se constituem como lugares híbridos e heterogêneos de um cotidiano compartilhado por sujeitos que vivem na adversidade e na busca por justiça social e por direitos sociais e direitos sobre a cidade, como o acesso à moradia, à saúde, ao transporte, à educação e ao consumo cultural que se mesclam com a cidade normatizada, racional e "legitimada"... (p.10)

Parte desse caminho se deu também pela influência das Artistas Pop Internacionais como: Beyoncé, Rihanna, Ciara, entre outras, que assistia em clipes e DVDs que comprava na feira, com grande influência de minha tia Marcela que é 10 anos mais velha. Na minha infância, fiz parte de um grupo com 5 amigas que dançavam essas coreografias que assistíamos no clipe, por pura diversão. Com o passar dos anos artistas como: Valesca Popozuda, Mulher Melancia e Bonde das Maravilhas, entraram nesse repertório de coreografias para aprender. É válido ressaltar que nunca fui impedida de dançar funk pela minha mãe, ela antes mesmo de mim já tinha esse olhar artístico para dança e se hoje estou nessa graduação, é porque ela não apenas me falou que existia, como me incentivou a fazer. Sempre participei de apresentações de dança na escola até o final do Ensino Fundamental, em 2008 adentrei para um projeto de Dança Moderna que acontecia na Universidade Estadual do Pará (UEPA) onde fiquei durante 4 anos. Devido à entrada no Ensino Médio, que me cobrava mais tempo e dedicação, tive que sair da Dança Moderna.

Os anos se passaram e em 2018 adentro a Universidade Federal do Pará (UFPA) no curso de Licenciatura em Dança, no qual início em um processo de estudos. Nos 2 primeiros anos da graduação mergulhei em técnicas de dança muito presentes na academia como: o ballet

---

[3] Aparelhagens são grandes estruturas de som que são responsáveis pela divulgação das músicas bregas na cidade de Belém do Pará. Esses equipamentos são transportados para vários locais, em espaços abertos e fechados para a realização das festas de aparelhagens.

[4] Ritmo regional do Pará, que tem o principal instrumento o curimbó que é um tambor. Na sua dança tem movimentações de quadril muito presentes tanto no rebolado, quanto na elevação dos ilios, os braços elevados ou girando a saia e pés arrastados no chão.

e a dança contemporânea. Foram experiências e disciplinas que agregaram nos meus conhecimentos de dança, mas me faziam refletir sobre "o que é dança?". O Seminário de Danças Urbanas[5] que acontecia na instituição, me fazia refletir sobre a minha dança, o funk, sobre essa dança preta e periférica que sempre esteve presente em minha vida, mas que sempre foi muito julgada, seja pela música ou pela dança. Acredito que a compreensão do meu estudo neste espaço aconteceu em 2019 quando no XII Seminário Internacional de Pesquisa em Dança-Dança na/da rua: caminhos possíveis, promovido pelo curso de Licenciatura em Dança da UFPA, onde ocorreram apresentações artísticas e fizemos uma apresentação em grupo e as entradas eram solos. Na ocasião, o meu solo foi dançando funk, neste dia, que foi o disparador principal para me reconhecer enquanto funkeira/pesquisadora do rebolado no funk.

Assim, em 2020 inicio o processo de estudo do funk carioca e sua origem, seus subgêneros musicais, sobre as mulheres no funk, violências e silenciamentos que as pessoas que produzem e consomem o funk sofrem. Em minhas pesquisas corporais no funk, deixo escurecido a presença de duas danças rebolativas: o funk e o twerk[6] na vertente musical do funk, a pesquisa visa o movimento do quadril e suas possibilidades nas músicas do funk. No ano de 2022 ministro o meu primeiro workshop de funk 150bpm, uma vertente musical de funk que me aproximei e iniciei um processo de estudos com velocidade e espaço na dança.

Neste mesmo ano sou convidada para o coletivo Twerkseiras[7] onde os nossos diálogos e práticas se tornam mais potentes e visíveis. Trabalhei como dançarina de Funk com a Mc Lili, uma referência de artista do funk de Belém do Pará, onde tive experiências com viagens, diálogos sobre o funk e sobre a vida artística. Em vista disso, situo a fala de Tiaraju D´Andrea (2020, p. 31-32) que aponta algumas características próprias das sujeitas e dos sujeitos periféricos que são:

- Utilização de periferia como classe;
- Periferia, periférica, periférico e favela como posicionamento política-territorial;
- Organização em coletivos;
- Arte e Cultura política;

[5] Evento realizado pela turma de 2017 da licenciatura em dança, nos anos 2018 e 2019. O evento tinha o intuito de debater as danças urbanas no ambiente acadêmico.
[6] Gênero de dança que vem de New Orleans, da cultura bounce, dança que foi criada por mulheres trans pretas, que consiste em mover o quadril de diferentes formas.
[7] Grupo de estudos das danças pélvicas, com o intuito de reforçar o empoderamento feminino através do rebolado

- De objeto de estudo a sujeito do conhecimento;
- Sistematização da própria história;
- Fim da necessidade de mediadores e do estigma ao orgulho;
- Relevância dos debates sobre opressões raciais e de gênero;
- Consciência ecológica e por direitos de LGBTQIAPN+;
- Diferença como bandeira;
- Era digital;
- Agentes e processos sociais distintos.

Constato que essas características estão presentes em minha trajetória como artista/docente que vem desse lugar da periferia, que perpassa por diversas transformações ao longo do tempo. Encontra a sua independência, e se fortalece com a comunidade, como o funk, um ritmo musical e um movimento artístico do Rio de Janeiro pode atravessar outras pessoas de outros estados.

O ENCAIXE: Relação de poder na dança e o Funk

Nesta pesquisa é possível compreender como o funk se estrutura como um movimento cultural, artístico e social que reafirma as identidades negras. A dança está atrelada às relações substanciais entre política e poder, e por sua vez, está conectada a aspectos políticos e de (re)afirmação de poder. De acordo com Neto (2017, p.76) “compreende-se que a dança pode estabelecer relações diretas com sujeitos e ser meio de reafirmar a identidade de um grupo cultural”.

Segundo Hermano Vianna (1987) no início da década de 1970, o discotecário Ademir Lemos e o locutor de rádio Big Boy organizaram uma festa intitulada de “Baile da Pesada”, esse evento que no primeiro momento surge na zona sul do Rio de Janeiro (RJ) acontecia semanalmente na casa de show Canecão com o repertório eclético. Após a sua consolidação neste espaço, foram obrigados a migrar a festa para os clubes do subúrbio, momento em que o baile se difundiu pelo RJ, conquistando um público de dançarinos que ditavam o sucesso do baile e o surgimento das equipes de som que organizam bailes mais acessíveis para população local.

A supremacia do repertório soul[8], aconteceu nesse momento e as equipes de som soul grand prix e black power passaram a se preocupar com a cultura negra em geral, tornando-se um movimento de formação da identidade negra, chamando a atenção da mídia que os mencionaram de black rio. Entende- se nesse momento de formação do que viria a se chamar funk carioca, o Miami Bass[9] vem a ser a influência fundamental do DJs (Disk Jockey, é a pessoa que seleciona e produz mixagens, composições e modificações variadas nas sequências de músicas) que começaram a ganhar protagonismo nos bailes em que tocavam, os Mcs (Mestres de Cerimônia, neste lugar do funk é um artista que improvisa nas músicas que o DJ solta no baile) apresentador de um determinado evento que não está necessariamente ligado a uma manifestação musical surgem no baile com a intenção de interagir com o público, assim como improvisaram nos sampling[10] dos DJs.

DJ Malboro, um dos DJs que deu início a era do funk carioca, após ser presenteado pelo pesquisador Hermano Viana com uma bateria eletrônica, começou a fazer as primeiras músicas, na época chamada de "melôs". Incentivado pelo dono do programa de rádio "Som na Caixa", o dj lança um disco que resultou no CD "Funk Brasil" que serviu de impulso para divulgar vários artistas do gênero musical. Hoje o gênero musical do Funk Carioca tem vários subgêneros: funk tamborzão, funk rap, funk pop, funk proibidão, funk ostentação, funk consciente, funk 150bpm, etc.

Situo as explanações de Tjaraju D´Andrea (2020), a respeito dos significados que emergem para além da periferia, o quanto este lugar representa as identidades e também reafirma saberes. Para o autor, o termo periferia em um dado momento na história perpassa por diferentes significados. Para além daquele atribuído a periferia que envolve o sucateamento e um cenário permeado por estigmas, o autor reafirma as ressignificações da periferia feita pela periferia como um lugar além da construção imagética de pobreza, mas como a resistência através dos saberes, movimentos sociais, culturas do povo negro/periférico.

As reflexões do autor envolvem as mudanças nas condições sociais que se deram fundamentalmente pelo incentivo à produção cultural na periferia. O que me leva a dialogar

---

[8] Uma mistura entre os gêneros *Rhythm and Blues* (R&B) e gospel sendo um estilo mais animado e dançante, tendo como representante o James Brown, está fortemente aliado à luta pelos direitos civis dos Estados Unidos.

[9] Estilo musical que surgiu nos anos de 1980 em Miami no Estados Unidos, pertence a um subgênero do hip hop, se tornando muito popular nos EUA e América Latina.

[10] "Amostra" é o recorte de algum trecho de determinada música, usado para criar uma nova melodia com uma nova roupagem do som

com a minha vivência no bairro de Águas lindas, no município de Belém do Pará, que já foi muito marcado por violência e hoje tem a presença de projetos sociais e culturais, me faz refletir sobre como o bairro periférico de Belém tem a possibilidades de reescrever a sua história e potencializar saberes.

O saber popular é um saber subestimado, que poucos têm a coragem para apreciar e compreender a complexidade deste saber/corpo, que de acordo com Almeida Neto (2015, p.78) "é visto como um corpo que não é especialista". Porém, discordo totalmente desta colocação, uma vez que, se uma pessoa nasce dentro de uma comunidade, cresce, compreende que determinada dança faz parte da sua cultura, vive a cultura, não é um corpo especialista? Quando o conhecimento que se faz na periferia é válido? Quem o valida? Precisamos ocupar certos espaços para sermos vistos e reconhecidos como saberes importantes?

O corpo periférico segundo Fernandes e Barbosa (2016, p 77) abrange "a construção social de uma normatividade em torno do corpo, que vai construir-se como lugar a partir do qual produzimos distâncias, estigmas e rejeições." O corpo que dança funk é um corpo preto da periferia, um corpo periférico e real da sociedade brasileira que sofre com marcas do racismo. Por isso, olhar a dança do corpo periférico incomoda pois ele não está em um lugar para ser validado ou não, ele existe e está aqui.

Assim como Machado (2020, p.9) "acredito na história narrada. É preciso se narrar, porque é assim que as pessoas ficam vivas". É narrando a nossa trajetória, nossos estudos que validamos o nosso conhecimento, é compartilhando nossas práticas que se fortalece a nossa cultura. Taísa Machado é artista, ativista e criadora do Afrofunk, uma fábrica de ações e conteúdos para o movimento funk com foco em equidade racial e de gênero. Seu trabalho perpassa pela sua formação no teatro de rua e sua vivência nos bailes funk que acontecem no Rio de Janeiro, além de muitas pesquisas sobre a ciência do rebolado, o rebolado presente em diversas danças afro, pontuando a subjetividade do movimento em cada praticante. A sua pesquisa é enriquecedora para quem estuda o rebolado, visto que a mesma traz muitas referências ancestrais nas suas aulas.

Diante disso, destaco as contribuições de Robatto (1994 apud Almeida Neto, 2015, p.84) "a dança é um fazer político e é sempre reflexo de uma postura política, quando o artista está consciente disso ou não". Compreendo que o funk faz parte da cultura nacional, porém é atravessado pelo racismo estrutural da sociedade que deslegitima o seu fazer cultural, artístico

e político. Neste sentido produzir dança e rebolado no funk é uma resistência de corpos, principalmente negros, reafirmando seu lugar de autoria e protagonismo na cultura.

SAINDO DO QUADRADINHO: o funk e o ensino antirracista em dança

Compreender que a dança é um fazer político e educacional, é importante para pensar em estudos sobre o funk na ação do fazer docente nos espaços formais e não formais de ensino da dança já que a problematização deve fomentar possibilidades pedagógicas. Para Otelo (2018) “é possível articular possibilidades de uma proposta pedagógica com o conteúdo do funk como gênero de dança na educação básica’’.

A ação de rebolar está diretamente ligada a culturas não brancas, principalmente por pessoas negras fora e dentro do continente africano, cada cultura trata o rebolado de alguma forma de acordo com o seu significado. No livro Pretagogia de Sandra Petit, um referencial teórico-metodológico que pretende construir uma abordagem afrocentrada para formação de professores/as de modo geral, se alimenta dos saberes, conceitos e conhecimentos, de matriz africana, ou seja, uma cosmovisão africana. Petit (2015) explana o relato de uma pesquisadora Graziela Rodrigues que traz o significado da posição da pelve e da bacia no corpo-dança afro ancestral:

> A associação deste treinamento com as danças dos orixás foi o que possibilitou realmente compreender, porque vivenciado e estudado no corpo, o importante procedimento da bacia no campo sutil do movimento interior: nela está a geração, a concentração e a fluição de energia. (RODRIGUES, 2005, p. 50).

Os movimentos com os quadris, para mim, são vistos desde as artistas pops como citado na introdução, no qual observo que determinados movimentos se assemelham com o funk. A dança no funk consiste no movimento essencialmente do quadril e que por sua vez é uma parte do corpo feminino muito erotizado, principalmente os corpos de mulheres pretas, efeitos do racismo. Petit (2015) nos mostra a rejeição das danças afro e apresenta um significado para dança que muitos desconhecem.

> Sem dúvidas, há, aqui, um dos motivos de rejeição da dança afro pelos europeus cristãos no seu encontro histórico com a chamada 'sensualidade' africana. Na verdade, não souberam compreender que essas danças, para eles lascivas, possuem um significado não pecaminoso de celebração à vida, que passa necessariamente por essa pulsão de vida, que é a sexualidade, como elemento indispensável à geração, não somente na sua dimensão biológica, mas também como manifestação da força divina que nos gratifica 'com esse elemento de potência vital. Ora, se há algo que herdamos

> da nossa relação com o chão, nossa ancestralidade, é a capacidade que temos de reproduzir a vida, sob todas as formas de fertilidade e criatividade, inclusive a energia da potência sexual, energia primordial. Lembremos que entre muitos povos ancestrais, no parto, a mulher paria o filho em posição de cócoras, entregando o recém-nascido para o chão, simbolicamente fertilizando-o. (p. 93)

Em uma sociedade com seus pensamentos coloniais, que julgam o corpo do outro, os fazeres e se afirmam juízes do certo e errado, mover o quadril incomoda as pessoas e esse sentimento diz mais sobre elas do que quem está rebolando de fato pois, o corpo preto é sexualizado, discriminado e não legitimado desde 1.500.

Pensar em uma educação antirracista é pensar em processo decolonial da educação, visto que não existe um conhecimento único. A dança ampliando suas possibilidades no fazer do ensino, dialogando com os saberes dos alunos e de diferentes culturas que valorizam o que nos foi negado diversas vezes como estudo. O movimento de empoderamento no funk acontece por meio do coletivo, com base em reivindicar direitos para o grupo cultural. Petit (2015, p. 153) afirma que "o corpo como fonte e produtor de conhecimento, não dispensa uma teorização, mas sempre desde o corpo, e esse corpo possui uma história, uma memória que, mesmo tendo sua dimensão individual, remete necessariamente a um coletivo''.

O funk, como um movimento artístico cultural que faz parte da juventude e que compreende os seus movimentos sociais/organizacionais e a sua representatividade preta, é importante para englobar e incluir a educação antirracista em dança, uma vez que viabiliza o respeito, diálogo e a valorização das construções de saberes, ratificando que a educação antirracista em dança precisa estar presente na educação básica e no ensino não formal. Oliveira (2022) compreende "a filosofia da pretagogia um referencial teórico-metodológico como entendimento de espaço no mundo que forma as escolhas pessoais na direção de romper as amarras coloniais de domínio do seu corpo".

NO PASSINHO: O plano de ação e o relato de experiência

Para pensar em processo educativo em dança no funk é importante refletir sobre diversidade étnico-raciais e o ensino no brasil, e perceber um grande apagamento de saberes nesse processo de formação na educação básica, lembro-me que estudava, arte renascentista, barroca, filosofia grega, e a religião, somente a cristã. Somente depois de muitos anos compreendo este ensino como o conteúdo desconectado dos sujeitos. O movimento negro no brasil foi responsável por lutas históricas em prol da educação como a lei 10.639 que torna

obrigatória a inclusão do ensino da História da África e da cultura afro brasileira nos curriculum e estabelecimentos de ensino público e particulares da educação básica.

No ensino da dança não é muito diferente esse sistema de ensino, que segundo Gomes e Munanga (apud Gomes,1995 p. 98) atestam que “a melhor forma de superar a situação é reconhecer a existência do racismo e adotar uma postura política e pedagógica que vise a sua superação”. Para isso é necessário um conhecimento acadêmico e dos movimentos sociais para articular a formação do professor como sujeito da sua prática e a condição docente, pois o corpo fala sobre o nosso estar no mundo.

É necessário um referencial metodológico que abrace a complexidade que o funk é, pensando nisso foi dialogado com a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa como ações norteadoras desse modo como se pode aprender, pensando nesse processo que podem tomar caminhos diferentes. A abordagem foi pensada para o desenvolvimento das artes visuais, leitura- contextualizar- fazer artístico, em primeiro momento inicia a contextualização do funk, iniciando com a música, em segundo apreciar o ritmo sonoro e as movimentações corporais presente na dança e por último produzir uma sequência coreográfica a partir do que foi apreciado na música e na dança.

Estágio Docente IV, que exercita a prática docente em outros espaços formais e não formais, no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Pará (UFPA) que teve seu início no dia 20/04/2023 e seu fim 29/06/2023 sobre a observação da Professora Doutora Simei Andrade. O Estágio Docente IV encontra-se em conformidade com o Projeto Pedagógico do Curso pois é uma atividade curricular obrigatória em que se coloca em prática os conhecimentos aprendidos no decorrer da licenciatura, além de ser uma produção de conhecimento científico, que está regido à Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 que discorre sobre as diretrizes da educação brasileira e a lei 11.788/2008 que respalda o estágio obrigatório no nível superior.

O Estágio ocorreu, como já dito anteriormente, no Núcleo de Oficinas Curro Velho (NOCV) no centro histórico da cidade de Belém do Pará. A partir das orientações do coordenador das artes cênicas, Jorge Cunha, foi feito um cronograma para ministrar aulas de dança no horário do estágio nas quintas-feiras, pois neste horário não tinha professor com oficinas de dança. Ao verificar a presença de muitos jovens/ adultos e crianças, tomei a decisão de pensar em uma abordagem com o funk, em que estudo o rebolado, pois compreendo que o

Ritmo Funk em geral faz parte das comunidades periféricas de Belém e região metropolitana, talvez não tanto quanto o ritmo regional brega, mas ele tá ali presente nas festas de aparelhagens, nas festas de família e casas de shows.

As aulas ministradas tinham conteúdos teóricos e práticos: história da dança ministrada, laboratórios de pesquisa de movimento, composição coreográfica, estudo das músicas; tudo que aprendemos nos anos de estudos na graduação trouxe para minha vivência com as danças urbanas como artista-docente que segundo Marques 2008 (p. 112) "é aquele que, não abandona suas possibilidades de criar, interpretar, dirigir, tem também como função e busca explícita a educação em seu sentido mais amplo". Acrescentando, ainda, o pesquisador neste conceito que forma a tríade de um discente em dança. Abordar um fenômeno cultural bastante difundido nos meios midiáticos, tanto positivamente quanto negativamente, é bastante importante para que a aula de dança não se torne um ambiente sem críticas e de fuga da realidade, pois compreendo que o rebolado no funk é muito julgado por uma concepção de que a dança feita na periferia ou comunidade não tem um estudo.

Os planos de aulas desenvolvidos e aplicados foram pensados para os alunos que frequentavam o NOCV com a faixa etária a partir de 18 a 30 anos, que frequentaram os 3 meses de oficinas. Foram planejadas aulas no estudo do rebolado, quanto ao seu conhecimento anatômico, muscular da pelve, teoria da dança e música do funk. Diante da necessidade de construção destes planos de aula e através dos postulados de Marques e Otelo (2018), me deparo com a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa que se configura em ações elaboradas a partir da tríade do fazer-contextualizar-apreciar a arte, inter-relacionada com a Metodologia do Contexto (2010; 2011), desenvolvida por Isabel Marques aprofundando proposições entre arte, sociedade e ensino. Também foi usado os estudos de Rudolf Laban organizado na conhecida "estrela labaniana" onde foi trabalhado a interação entre a turma.

Pensando nessa abordagem e metodologia o contexto que Marques (2008, p.96) propõe é o interlocutor das práticas artísticas-educativas, essas práticas possibilitam uma inter-relação multifacetadas entre corpos, movimentos, mentes, histórias de vida e conteúdos específicos da dança, foi elaborado aulas teóricos e práticas acerca do estudo tanto da música quanto na dança, perceber as diferenças sonoras que perpassou nos anos de transformação do funk, quanto nas suas movimentações da dança, por meio de leituras, laboratórios, sequências coreográficas e fundamentos da dança.

As aulas foram ministradas e divididas em dois momentos, o primeiro: teórico e o segundo: prático, com duração de 2 horas no total. Como podemos observar no quadro a seguir:

QUADRO 1: PLANO DE ENSINO E AÇÃO SOBRE O FUNK

PLANO DE AÇÃO COM O FUNK		
Plano	**Proposta**	**Como ocorreu**
Aula 1	Aula de funk 150 BPM conteúdo :musicalidade, velocidade e limpeza coreográfica, teoria sobre a criação do gênero música do Funk 150bpm.	**Teórica:** explicação da minha pesquisa com o 150bpm e origem do subgênero do funk. **Prática:** aquecimento/alongamento do corpo focando nos movimentos do quadril, sua consciência corporal e sequência coreográfica na vertente citada.
Aula 2	Aula: Funk e Jazz Funk (Conteúdo: níveis, direções e limpeza coreográfica	**Teórica e Prática:** Nesta aula juntamos nossas duas linhas de pesquisa e montamos uma coreografia que tinha movimentos de jazz, hip hop, twerk e funk. Trabalhamos níveis alto e médio, direções e limpeza coreográfica.
Aula 3	(Conteúdos: técnicas de apoios e intenção de movimento velocidade)	**Teórica:** "As funkeiras, o funk e o discurso que só elas podem fazer" escrito por Natalia Cristine Costa, onde traz essa discussão sobre a história do funk e a mulher na cena do funk, trazendo a importância das mulheres ocuparem esse espaço e cantar sobre sua vivência. **Prática:** Após essa roda de conversa iniciamos o aquecimento/alongamento do corpo e treinamos a técnica de apoio que podemos utilizar no funk e que finalizamos com uma sequência de treino.
Aula 4	Laboratório de Experimentação do 5o elemento da estrela labaniana (relacionamento)	**Teórica e Prática:** O foco dessa aula foi a criação de um relacionamento a partir de um laboratório, que iniciou por etapas. o primeiro momento no chão individual, e a partir dos comandos, os alunos iam criando uma proximidade até chegar no toque. A partir da proximidade, os alunos iam experimentando movimentos com as partes do corpo coladas, até chegar no quadril. iniciando uma pesquisa de movimentos em que as duplas conseguissem fazer juntas, após a pesquisa, as duplas iam uma de cada vez mostrar o que tinham pesquisado.
Aula 5	Aula teórica e prática sobre o Funk Tamborzão	**Teórica:** foi iniciada com o contexto histórico da formação do baile funk até a criação do segmento do funk tamborzão, quais as músicas deram início para o ritmo e os principais djs que fizeram o som. **Prática**: Após esse momento fizemos um aquecimento com passos do funk que são muito usados naquela época, até passar as bases de rebolado (quicada, quebradinha, tremidinha…etc) que seriam usadas na coreografia, finalizando a aula com uma sequência coreográfica.

Fonte: da própria autora, 2023.

É nas aulas que ministramos no estágio que entendemos a complexidade da teoria e prática que estudamos na faculdade, que de acordo com Pimenta e Lima (2017, p. 33) “a profissão de educador é a prática social. Como tantas outras, é uma forma de intervir na realidade social, no caso por meio da educação que ocorre não só, mas também nas instituições de ensino”. O NOCV é esse lugar que através da arte e do ofício modifica a comunidade que transforma a sua realidade, e pra esse ciclo acontecer é necessário um educador.

Após cada aula ministrada era feita uma roda de conversa para tirar dúvidas e suas impressões sobre a sula no geral, a maioria dos meninos que frequentaram as aulas tiveram mais dificuldade com os movimentos da pelve, mas estavam super dispostos a experienciar no corpo, foi a primeira vez que tiveram aulas de funk com o foco no rebolado. As meninas já tinham mais facilidade com os movimentos da pelve, todas praticam o rebolado em casa, dançam em festas, o funk e o rebolado está presente no cotidiano dessas alunas. No geral, foi um momento de muito aprendizado tanto pra mim quanto pra eles, partilhar minhas pesquisas e explorar as possibilidades que o funk e o rebolado traz para dentro da sala de aula.

Em várias rodas de conversa na sala, foi evidenciada a Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará como um local de formação para quem tem interesse em estudar e se aprofundar na área da arte/dança como intérprete e criador ou como bailarino clássico. Foram plantadas sementes para o curso técnico ou graduação em Dança nos diálogos com a turma, e a importância de ocupar lugares que foram feitos para esse público.

Em Belém do Pará tem um espaço de formação tanto formal quanto não-formal como o Núcleo de Oficina do Curro velho, que para Maria Gohn (2020, p. 13) estes projetos e programas de educação não formal, devem cruzar, atuar e potencializar a educação formal, não como uma mera complementação, mas como diretriz estruturante. Fortalecendo assim a educação num todo. No último dia de aula os alunos agradeceram os conhecimentos compartilhados, pois agregaram nos seus estudos e disseram que sentiriam falta das aulas, mas que iriam entrar em contato para conversar sobre a dança quando tivessem dúvidas, nesse espaço foi criado laços com os alunos.

CONCLUSÃO

Em síntese, o artigo traz as reflexões sobre o ensino do funk e as atividades desenvolvidas no Estágio Docente IV no Núcleo de Oficinas do Curro Velho, um espaço não

formal da educação, área onde geralmente a maioria dos discentes do curso de Licenciatura em Dança atuam ou tem o seu primeiro contato com a docência. Este trabalho perpassa pela trajetória desta artista docente que vem desse lugar onde a dança preta periférica é produzida, estudada e intimamente presente em minha vida, também compreende como o funk se estrutura como um movimento cultural, artístico e social que reafirma identidades negras onde acontecem as relações de poder na dança.

Do mesmo modo é possível sair do "quadradinho" da educação básica que é enrijecida e fomentar possibilidades pedagógicas para a dança no funk, visto que temos pesquisadoras e professoras com esse arcabouço de metodologias antirracistas para utilizarmos, com o respaldo da lei 10.639 que visa o ensino obrigatório ensino da História da África e da cultura afro brasileira na educação básica. Para então finalizar "no passinho" onde aconteceu o plano de ação e o relato de experiência do Estágio Docente IV com referenciais metodológicos aprendidos nos anos da graduação e fora dela, que abrace a complexidade do funk para ensino dos jovens do NOCV.

Em suma, o Brasil é um país com uma diversidade cultural enorme, e faz parte da formação do professor em dança compartilhar saberes com o seu educando que esteja dentro da sua vivência e fora dela. Esta escrita fez eu realizar um percurso inédito dentro da Universidade Federal do Pará, pois ainda não tinha encontrado estudos em dança sobre o rebolado do funk em espaços de educação não formal e a importância de se afirmar enquanto pesquisadora docente do funk, pensar em estratégias metodológicas para o ensino antirracista das danças periféricas no fazer docente e mostrar a sua potência de conhecimento. Compartilhar questões sociais, estudos sobre música, corpo e dança é necessário nesse espaço não-formal de educação, ainda mais se tratando de um lugar onde prioriza o acesso dos seus alunos a Arte. Podemos observar o quão enriquecedor pode ser dialogar sobre as nossas vivências e reconhece-las como práticas educativas importantes, onde é a própria praticante da vivência está no lugar de fala.

Movimentar o quadril é arte, ciência e resistência!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SEM AUTOR: **Curro Velho- História. CUFA PA**, 2009. Disponível em: http://cufapara.blogspot.com/2009/09/curro-velho-historia.html Acesso em: 08 jun. 2023.

SEM AUTOR: **Prédio do Curro Velho**. Wikipédia, a enciclopédia livre, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A9dio_do_Curro_Velho Acesso em: 08 jun. 2023.

MARQUES, Isabel**. Ensino da Dança Hoje: textos e contextos**. 5º.ed. São Paulo. Cortez Editora,2008.

PIMENTA, Selma Garrido; Lima, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 8º.ed. São Paulo. Cortez Editora,2017.

GONH, Maria da Glória**. Educação não-formal**: direitos e aprendizagem dos cidadãos (ãs) em tempos do coronavírus. Revista humanidade e inovação, Palmas, v.7, n.7, p. (9- 20), março, 2020. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3259 Acesso em: 08 jun. 2023.

MARQUES, Larissa Kelly de Oliveira; OTELO, Renata Celina de Morais**. Na dança do funk**: Estratégias de Ensino No Contexto Escolar. Natal. Universidade Federal do Rio Grande do Norte,Natal, 2018. Disponível em: https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/download/4059/4208. Acesso em: 08 jun. 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.788 de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Brasília, 25 de setembro de 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm. Acesso em: 08 jun. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM. http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/AguasLindas.html Acesso em: 29 set. 2023.

GOMES, N. L. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. **Retratos da Escola**, *[S. l.]*, v. 2, n. 2/3, 2012. DOI: 10.22420/rde. v2i2/3.127. Disponível em: https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/127 Acesso em: 4 set. 2023.

MOURA Cardilo, C. Dança e Educação Antirracista: Juventude, Diversidade e Possibilidades. **Diversidade e Educação**, *[S. l.]*, v. 9, n. 2, p. 772–790, 2022. DOI: 10.14295/de. v9i2.12522. Disponível em: https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12522 Acesso em: 26 out. 2023

D'ANDREA, T. Contribuições para a dos conceitos *periferia e sujeitas e sujeitos periféricos*. **Novos estudos CEBRAP**, v. 39, n. 1, p. 19–36, jan. 2020.

ALMEIDA NETO (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA), A. M. DANÇA: relações entre política e poder. **DANÇA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança**, *[S. l.]*, v. 4, n. 7, 2017. DOI: 10.9771/2317-3777dança.v4i2.14570. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/14570 Acesso em: 4 nov. 2023.

PETIT, S. H. **Pretagogia:** pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores. Contribuições do legado africano para a implementação da Lei no 10.639/03. Fortaleza: UECE, 2015.

OLIVEIRA, Keila. Onde está a dança da pretagogia? ; Metodologia antirracista para criar e ensinar dança. **REVISTA CIDADE NUVENS** v. 2 n. 6 (2022): 22/12/22

MACHADO, Taísa; org. Marcus Faustini. **Taísa Machado, o Afrofunk e a ciência do rebolado**. Rio de Janeiro: Formato 3, 2020.

CHANTAL, Maria. Por que rebolar é tão importante? **Maria Chantal**, 2022. Disponível em:<https://www.mariachantal.com.br/post/por-que-rebolar-%C3%A9-t%C3%A3o-importante#:~:text=Rebolar%2C%20como%20uma%20a%C3%A7%C3%A3o%20que,bem%20estar%2C%20al%C3%ADvio%20e%20prazer.>. Acesso em 25 out. 2023.

BESCHIZZA, CHISTHIAN. **Uma introdução ao funk Carioca**: trajetória inicial e um guia bibliográfico para futuras pesquisas. In: DOCERO BRASIL. Disponível em: https://doceru.com/doc/nxv00n8x Acesso em: 10 fev. 2023.

FERNANDES, L.; BARBOSA, R.. A construção social dos corpos periféricos. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 1, p. 70–82, jan. 2016. Acesso em: 04 nov. 2023

IVO, A. B. L. A periferia em debate: questões teóricas e de pesquisa. **Caderno CRH**, v. 23, n. 58, p. 09–15, abr. 2010. Acesso em: 10 nov. 2023